

GEH - GRUPO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

MARA CRISTINA GONÇALVES DA SILVA*

Introdução

Sou professora de história atuando em sala de aula há 12 anos.

Neste período desenvolvemos a predileção pelo estudo do meio, estudo da cultura material como instrumentos para lecionar os conceitos históricos.

Essa predileção é fruto do balanço que realizamos de que o desenvolvimento das atividades docentes utilizando-se apenas do suporte: giz, lousa e saliva são extremamente desgastantes.

E nossa trajetória pela rede pública estadual da SEE-SP na década de 1990 e na primeira década deste século enfrentou a realidade da dificuldade em utilizar recursos áudio-visuais. Então, preparar as turmas para visitas a museus tornou-se muito interessante e agradável, na verdade, muito estimulante.

O museu como espaço para o aprendizado histórico é uma possibilidade de a partir da observação dos objetos em exposição, e da forma em que a exposição está apresentando esses objetos; mais ainda se somando com as observações de um guia em uma visita monitorada, tem-se a esperança de aguçar os estudantes para pensar e relacionar qual era o uso destes objetos? Quem os fez? Ainda são usados do mesmo jeito? E por que esses objetos estão no museu? Possibilitando que os estudantes tenham uma vivência diferenciada com uma proposta de representação do passado que eles observarão em cada exposição que visitarem. (Abud, 2010).

E também é muito estimulante por sair da escola, por ser um passeio, por ser uma oportunidade de conviver com os estudantes e colegas professores em um ambiente diferente da escola, apresentar a possibilidade de outras atividades profissionais como as

de quem trabalha em um museu e também um jeito de aprender diferente da sala de aula, andando, conversando, observando.

O fato do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/USP possuir um serviço educativo que prepara os (as) professores (as) orientando-os a como preparar seus alunos foi e é uma contribuição fundamental em nossa formação e atividades que desenvolvemos.

Outra atividade de aprendizagem que também temos especial apreço é o estudo do meio, através da observação do local a ser visitado sendo “*um momento específico de aprendizagem mais dinâmica e significativa.*” (Bittencourt, 2004:273).

A prática do estudo do meio encontra-se como elemento constituinte do nosso saber docente construído na busca diária por uma atividade docente em que os elementos de história de vida e a valorização de experiências desenvolvidas fora do espaço profissional (Martins, 2004), é reelaborada na ânsia por um lecionar mais agradável e eficaz, um lecionar construído em uma relação de aprendizagem dos conteúdos ministrados aos estudantes. (Novoa, 2007).

O GEH

Em 2008 quando iniciamos junto com o curso de Ensino Médio (EM) na Etec Dr. Emílio Hernandez Aguilar no município de Franco da Rocha, região metropolitana de São Paulo surgiu à oportunidade de constituir um grupo de estudos.

Mas para que abraçar a constituição de um grupo de estudos históricos?

A constituição de um grupo de estudos históricos nos pareceu uma boa oportunidade para reunir os alunos e as alunas mais interessados em estudar história e também aqueles e/ou aquelas que possuem dificuldade para o estudo da ciência histórica.

Como desenvolver esse grupo? O que propor aos estudantes?

Essas respostas não estavam prontas, nós a desenvolvemos com o caminhar do próprio GEH.

Em 2008 quando iniciamos o GEH pensamos em formar um banco de imagens.

No entanto, duas questões se apresentaram: a primeira foi que vários alunos e alunas que participaram escolheram desenvolver temas que estão fora do currículo oficial de história para o EM como China Antiga e Celtas; a segunda foi que com um leque tão amplo de povos e regiões geográficas, uma imagem sem referencial, sem contextualização não seria um instrumento de estudo de fácil manipulação.

As imagens foram tanto pinturas quanto fotografias de objetos representativos da cultura material de povos da antiguidade, principalmente no Brasil Paleoíndio; como a imagem congela um instante selecionado pelo fotógrafo, concluímos ser fundamental o contexto da imagem. (Abud, 2010).

Por isso mudamos a intenção inicial e fizemos um levantamento bibliográfico junto a livros didáticos sobre a literatura paradidática e também na biblioteca municipal de Franco da Rocha e listamos todas as referências aos povos da Antiguidade Clássica, oriental, européia, americana (paleoíndia até o século XV).

E passamos a incentivar os alunos (as) a lerem, resumirem e apresentarem um livro desta listagem. Para ajudar disponibilizamos de nosso pequeno acervo para isso.

Também desenvolvemos como parte das atividades a pesquisa de mapas mostrando o ontem e o hoje; o objetivo no uso de mapas históricos e mapas atuais é que os estudantes percebam *“a localização das sociedades em determinados espaços, assim como a verificação das mudanças na sua ocupação.”* (Bittencourt, 2004:208). Neste ano (2008) também tivemos a elaboração de linhas do tempo para cada sociedade, procuramos usar as datas para ajudar a compreender o que vem antes e o que vem depois, *“sobre o que é simultâneo ou ainda sobre o tempo de separação de diversos fatos históricos (...) como pontos referenciais para o entendimento dos acontecimentos históricos.”* (Bittencourt, 2004:212).

Realizamos uma visita técnica a exposição “Tesouros da Terra Santa”, no MASP – SP. Fomos de trem e metrô uma experiência inédita para vários alunos (as).

A aluna responsável pela pesquisa sobre os hebreus demonstrou grande dificuldade em entender a história deste povo, em particular, suas divisões: as doze tribos; as

denominações: hebreus, israelitas, judeus; seus reinos: Israel, Judá; suas dinastias reais; e as denominações territoriais: Canaã, Palestina, Israel, Judá. Apesar de já termos visto este conteúdo em sala de aula, quando ela precisou fazer o seu texto síntese sobre o tema a dificuldade aflorou.

Conversamos sobre, mas a visita a exposição “Tesouros da Terra Santa” ajudou com uma linha do tempo que nos auxiliou a desmembrar a aparente “bagunça” que são os diferentes nomes para situações semelhantes na história do povo hebreu.

Também contribuiu a observação da cultura material – dos objetos que foram suporte para a manutenção das condições de vida que cada organização social realiza se apropriando e transformando os recursos naturais para poder confeccioná-los. (Meneses, 1983).

Na exposição os artefatos eram acompanhados de textos explicativos do seu uso na cultura dos hebreus antigos, aprofundando a compreensão sobre sua cultura e suas particularidades socioeconômicas e culturais.

A visita foi muito proveitosa e a aluna responsável pela pesquisa sobre os hebreus conseguiu concluir - lá.

E em dezembro 2008 realizamos o lançamento do CD “Povos da Antiguidade: o começo das sociedades” (1), convidando as famílias como foi de manhã contamos mais com a presença das mulheres das famílias e nem de todos os participantes; e os alunos (as) das duas turmas de EM. Neste mesmo mês realizamos mais cinco apresentações para as turmas de qualificação profissional do Programa Emergencial de Auxílio ao Desempregado que estava tendo aulas em nossa Etec.

No ano de 2009 demos continuidade às atividades do GEH com dois núcleos: o núcleo do primeiro ano do EM e o núcleo do segundo ano do EM.

Vários problemas se apresentaram: nossa primeira turma de segundo ano de EM que iria também cursar o EMT concomitantemente.

E também como trabalhar no núcleo do primeiro ano o conteúdo sem se tornar repetitivo? Como desenvolver a pesquisa sem que os novos alunos do primeiro ano copiassem o que foi feito em 2008?

Observando o livro didático utilizado em nossa Etec - Divalte – **História: volume único** – 3ª ed. – São Paulo: Ática, 2007. E para o nosso CD 2009 optamos por desenvolver o item Brasil Paleoíndio ou Brasil Pré-Histórico.

Os motivos são que o livro didático tem muito mais capítulos dedicados a história geral, e o tema Brasil Pré-Histórico ou Paleoíndio já vem constando nas provas do Enem em várias edições e também é um tema praticamente inédito para pesquisa em EM, assim como havia sido os Celtas e Japão Antigo, por exemplo, no ano de 2008. A diferença com esses temas é a relação com uma parte da história do território onde hoje é o Brasil que a maioria desconhece, inclusive muitos professores de história.

Esse foi outro momento de construção da metodologia de trabalho no GEH quando definimos a temática de estudo para os estudantes do primeiro ano o Brasil Paleoíndio (os povos que aqui viviam há 10 mil anos atrás); ou o chamado Brasil Pré-histórico.

Esse termo – pré-história no Brasil – é bastante polemico já que pelo estudo da cultura material e estudos arqueológicos tornou-se possível constituir a história de povos muito antigos nas Américas e o termo diz respeito a uma divisão na Europa (antes do surgimento da escrita X depois do surgimento da escrita). É de ampla divulgação que o continente americano comportava um amplo leque de sociedades desde as altamente complexas até sociedades de caçador-coletores nômades. Portanto, não caberia ao Brasil um conceito eurocêntrico, constituído para a realidade das pesquisas históricas e arqueológicas da Europa.

No entanto, vários autores tem se utilizado do termo “pré-história” para referir-se aos períodos paleoíndio, arcaico e pré-colonial, no território que hoje é o Brasil atual. (Vasconcellos, 2000). (2) Temos nos utilizado dessa terminologia com ressalvas, mas facilita a compreensão de quem ouve.

O estudo do patrimônio arqueológico nos permite refletir sobre qual memória tem sido preservada e quais são os *“bens culturais não pertencentes às elites (que) acabaram relegados ao esquecimento.”* (Funari, 2009:46).

Quando orientamos os alunos e alunas a pesquisarem: “Existiu pré-história “em tal ou qual” estado brasileiro? Existem sítios arqueológicos neste estado? Se existirem sítios arqueológicos eles são pesquisados? Se existirem sítios arqueológicos eles são conservados? Como?”

As pesquisas realizadas pelos (as) estudantes para responder as questões acima nos permitem debater os aspectos de incentivo governamental à pesquisa, conservação e educação patrimonial no entorno dos sítios arqueológico-paleontológicos que surgem nas pesquisas. Portanto, debatemos um aspecto da cidadania: qual a situação dos patrimônios histórico/arqueológicos de toda a nação?

Uma das nossas preocupações é destacar que o patrimônio arqueológico em nosso país corresponde à cultura material e a expressões rupestres dos antepassados dos povos indígenas, grupos étnicos sistematicamente sufocados, exterminados no processo de conquista e domínio do território que hoje constitui o Brasil. Consideramos um aspecto a ser refletido, pois vivemos um momento que temos uma legislação, a lei nº 11.645, de 10 de março de 2008 onde foi acrescentada a obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena, em particular, nos conteúdos de história. Temos procurado desenvolver aspectos deste conteúdo através da questão: as populações indígenas que viviam aqui quando os europeus chegaram eram ou não descendentes desses índios antigos? E os de hoje? Será que algo dos paleoíndios existe entre as populações indígenas até hoje?

Essas questões contribuem para que o estudante adquira *“conhecimentos sobre o território e sobre os problemas de sua gestão e pode tornar-se um cidadão consciente, interessado e crítico.”* (Mattozi, 2007:138)

Todas essas questões nos remetem ao saber fazer ancestral das culturas dos povos indígenas e suas lutas pela sua identidade e terras, assim como os sítios arqueológicos que em sua maioria não são preservados. Essa abordagem nos aproximou do treinamento que o MAE realiza com o Kit de Brinquedos Infantis Indígenas e muitos

capítulos do Cd de 2010 tem esse aspecto, trazem informações sobre povos indígenas de vários estados. A generosidade da Profª Dra. Carla G. Carneiro e da Profª Ms. Judith Mader Elazari foi fundamental para que vinte e um alunos (as) pudessem participar deste treinamento. Na I FECC do EM (I Feira Cultural e Científica do Ensino Médio) de nossa Etec um grupo de alunos (as) que fizeram esse treinamento realizaram uma Oficina de Brinquedos Infantis Indígenas com trinta e cinco pessoas, destas foram vinte e cinco adultos do Programa de Educação Continuada da Secretaria Estadual de Relações do Trabalho e dez alunos do EM.

Em 2009, iniciamos as atividades de reuniões e constatamos que reunião semanal para o segundo ano principalmente para quem estava cursando o técnico concomitantemente era inviável em função da grande quantidade de lições para casa dos dois cursos: EM mais EMT. Então optamos por reuniões quinzenais.

Os alunos do segundo ano em 2009 pesquisaram sobre o período feudal.

Para tentar diminuir a distancia em relação ao Brasil Paleoíndio e o período feudal organizamos uma visita às exposições do Sítio Morrinhos e sobre Arte Bizantina no Pátio do Colégio, ambas em São Paulo.

A visita ao Pátio do Colégio para a exposição sobre Arte Bizantina e ao acervo do próprio Pátio do Colégio nos introduziu em diferentes linearidades temporais: a bizantina e a jesuítica na colonização de São Paulo e o próprio centro de São Paulo na contemporaneidade onde está localizado o Pátio do Colégio.

A visita ao Sítio dos Morrinhos – Centro Arqueológico de São Paulo permitiu trabalhar a linha temporal da cidade de São Paulo pré-histórico com a maquete do sítio arqueológico do Morumbi passando pela colonização de São Paulo até São Paulo do século XX em que o Sítio dos Morrinhos deixa de ser realmente um sítio e passa a ser loteado para transformar-se no Jardim São Bento, na região norte da capital paulista.

Essas visitas permitiram o desenvolvimento das noções de temporalidade para São Paulo em grandes dimensões – da pré-história (maquete do sítio arqueológico do Morumbi até o século XX) e a colonização foi apresentada em duas perspectivas: a dos caminhos indígenas (exposição Sítio dos Morrinhos) e a perspectiva jesuíta (exposição

Pátio do Colégio) completando-se, permitindo diversos olhares para a constituição de São Paulo.

Os frutos foram o capítulo Império Bizantino e o estímulo inicial para nove capítulos sobre Brasil Paleoíndio, na verdade oito capítulos, o capítulo sobre São Paulo já é sobre São Paulo colonial – muito mais fácil de achar referências.

Tivemos duas inovações em 2009; a primeira refere-se a passarmos a fazer um boletim impresso que em votação nas reuniões do GEH foi escolhido o nome “O Pergaminho”. Então realizamos um boletim que publique textos escritos pelos alunos e alunas demonstrando como eles estão construindo os seus conhecimentos, competências e habilidades (3) a partir das atividades desenvolvidas pelo GEH: reuniões, leitura de um livro, resumo deste livro, apresentação do livro lido e resumido, visitas, palestras.

Para procurar explicitar o esforço que realizamos nas atividades do GEH para que os alunos e alunas sejam produtores de sínteses sobre os temas que pesquisamos realizamos a edição de um boletim informativo impresso nos parece ser uma solução adequada à preocupação de que os estudantes devem ser ativos na construção de seus conhecimentos.

Em 2009 realizamos três edições retratando não apenas as atividades do GEH, mas também as da Etec. Em 2010 também publicamos três edições com pautas mais voltadas à divulgação das atividades do GEH.

Um dos objetivos deste boletim informativo é que seja fruto do trabalho coletivo desenvolvido pelos alunos e que reflita em seus textos a síntese da observação, pesquisa preparatória e leituras realizadas pós as atividades de estudo do meio, transformando o vivido em saber organizado e formalizado. (Vincent, 2001)

A outra inovação foi orientar as pesquisas para participarmos da FEBRACE – Feira Brasileira de Ciências e Engenharia na categoria de arqueologia. Enviamos quatro pesquisas, nenhuma foi selecionada, mas a experiência de orientarmos as pesquisas a partir de uma pergunta científica e obedecendo as etapas propostas pela metodologia científica da FEBRACE foi um desafio interessante. Partimos da pergunta: “Existiu pré-história onde hoje é o estado do Amazonas, do Mato Grosso do Sul, do Rio Grande do

Sul e de Santa Catarina?” Citamos estes estados, pois foram os alunos responsáveis por estas pesquisas que aceitaram o desafio de adaptar suas pesquisas aos critérios da FEBRACE.

O esforço permitiu consolidar os conceitos de legenda para as imagens e sua complementaridade e/ou evidencia comprobatória das afirmações textuais; a importância dos mapas como instrumento “do onde” os fatos histórico-sociais são concretos; percebemos a ausência de gráficos em nossas pesquisas, portanto, a ausência de dados quantitativos e/ou comparativos.

Ainda em 2009 também desenvolvemos outras atividades ainda para suporte das atividades do núcleo do primeiro ano como assistirmos a palestra do Prof^o Dr. Eduardo Góes Neves sobre a Amazônia Pré-Colombiana do curso: “Projeto Repórter do Futuro: Descobrir a Amazônia, descobrir-se repórter”, parceria entre o Instituto Oboré e o IEA/USP. Acompanhamos todo o curso com palestras sobre aspectos econômicos e a discussão sobre o aquecimento global.

A experiência de visitas ao campus Butantã da USP para assistir palestras com professores universitários foi muito positiva para despertar o desejo em cursar boas universidades, universidades em que seus professores façam pesquisas e sejam grandes especialistas em suas áreas, além claro, conhecer o principal campus da USP.

Ainda em 2009 desenvolvemos dentro do GEH uma subdivisão e oito alunos (as) no núcleo do primeiro ano leram e apresentaram em forma de seminários os capítulos da obra: O Povo de Luzia – em busca dos primeiros americanos do Prof^o Dr. Walter Neves. A Prof^a Aiolanda Pereira Faria realizou uma oficina sobre “A importância da oralidade na escrita” e em 14 de dezembro de 2009 entrevistamos o Prof^o Dr. Walter Neves, após a entrevista o então mestrando André Strauss nos mostrou a exposição de megafauna e a melhor coleção de replicas craniana das Américas que estão no Instituto de Biociências da USP e também o Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos, no mesmo instituto.

Todos os participantes gostaram, mas o surpreendente foi o convite para realizarmos um estagio voluntario no LEEH/IB/USP nas férias de janeiro de 2010, aceitamos claro!

Para nós em grande expectativa nos indagávamos: “O que se faz em um laboratório de arqueologia?”

Em janeiro de 2010 levamos dez alunos para estagiarem no LEEH/IB/USP, sob a supervisão dos então mestrandos André Strauss e Elver Mayer, nos despertou o desejo de continuarmos o estágio mesmo sendo voluntário, mas a legislação sobre estágio mudou e não pudemos fazê-lo. Também tentamos o programa da USP “Pré-Iniciação Científica”, mas a Secretaria Estadual da Educação – SEE não aceita nossa inscrição porque somos uma Etec, e as Etec’s e o Centro Paula Souza são ligados à outra secretaria estadual a Secretaria de Desenvolvimento.

A experiência deste estágio voluntário no LEEH/IB/USP foi muito marcante pois ampliou nossa compreensão de cultura material. Com a prática da curadoria, da limpeza dos fósseis e de artefatos líticos, o contato com esses vestígios originais, verdadeiros em nossas mãos nos fez refletir sobre a produção da cultura material no cotidiano.

Como os seres humanos nas suas atividades desenvolvem artefatos para auxiliá-los e os mesmos refletem mudanças e/ou permanências tanto das necessidades humanas como da função destes objetos. (Abud, 2010)

O contato com ossos fósseis tanto de seres humanos como de animais envolveu-nos com questões sobre a historicidade da vida humana e de outras formas de vida na longa duração, numa perspectiva diferente de quando o seu contato com esses vestígios é apenas pelo olhar de outros estudiosos, pelo intermédio da fotografia e/ou de textos. É muito emocionante quando você manuseia delicadamente esses vestígios fósseis.

No funcionamento do GEH passamos a fazer reuniões semanais onde todos os alunos (as) de todas as séries do EM e do EMT podem participar ampliando a circulação de conhecimentos e interpretações entre os participantes.

Continuamos com as características de um grupo de estudos para reforço escolar e também aberto a temas inéditos para o EM; através dos alunos (as) do primeiro ano continuamos com o Brasil Paleoíndio dos estados da federação que ainda não haviam sido pesquisados e o tema Modernidade para os alunos (as) do segundo ano e o tema Guerras e Revoluções para os alunos (as) do terceiro ano. E uma novidade foi o tema

História das Ciências para os alunos (as) do terceiro ano e os alunos (as) das outras séries após o desenvolvimento de alguma pesquisa dentro do tema de sua série formalizando os conhecimentos vividos a partir das características interdisciplinares do estudo do meio. (Bittencourt, 2004)

Dentro do tema Modernidade o interesse provado pelos povos pré-colombianos foi grande e procuramos chamar a atenção apresentando questionamentos como: “Todos os povos da América pré-colombiana eram iguais? Os astecas e os incas foram povos apenas dominados pelos espanhóis recém chegados da Europa ou também foram dominadores? Se os astecas e incas dominaram outros povos, que povos eram?” Para alimentar esse debate visitamos a exposição “Ouros de Eldorado – A Arte Pré-Hispânica da Colômbia” cuja cultura material presente na exposição ampliou a percepção de uma sociedade culturalmente muito diferente e com tecnologia para vivenciar essa elaboração cultural que nos lembra “O Eldorado”. Isso permitiu que pesquisas como os capítulos de Calima e Quimbaya, Nascas estejam presentes no Cd de 2010.

CONCLUSÃO

As atividades desenvolvidas pelo GEH permitem o aprimoramento das competências de leitura, escrita e expressão oral, e outras mais.

Para que todas essas competências e habilidades sejam aprimoradas depende da dedicação dos alunos (as) participantes. Quanto mais os alunos (as) se dedicam mais desenvolvem e melhor escrito fica o tema que pesquisaram.

O estudo sobre o Brasil Paleoíndio permitiu o debate tanto em 2009 como em 2010 sobre as escolhas das instituições públicas do país sobre como é e como deveria ser a conservação do patrimônio histórico, cultural, arquitetônico e arqueológico nacional e como a ausência de maiores cuidados geram a consequência da destruição/esquecimento.

A dupla característica do GEH de reforço escolar e ao mesmo tempo tratar de temas inéditos para o EM é amplo e ao mesmo tempo atrativo para os alunos (as) participarem voluntariamente do GEH, pois assim eles (as) tem uma ampla margem de temas para

escolherem e estudarem permitindo a aproximação de temas que realmente lhes interessem.

Como síntese das atividades desenvolvidas é criado um site em que cada pesquisa torna-se um “capítulo” procurando reunir as diferentes experiências vividas no estudo do meio, nas leituras de textos e/ou livros, as palestras assistidas, as imagens pesquisadas, atingindo as competências e habilidade necessárias para essas sínteses.

Notas

- (1) No Cd de 2008 “Povos da Antiguidade: o começo das Sociedades” contamos com os seguintes capítulos: Egito, Brasil Paleoíndio, Incas, Maias, China Antiga, Índia, Japão Antigo, Fenícios, Hebreus, Hititas, Persas, Sumérios, Celtas, Astecas, Creta, Etruscos, Grécia e Roma Antiga. Todos com mapas – ontem e hoje – imagens de edifícios, artefatos retirados de escavações arqueológicas, linha do tempo. Foram dezenove participantes com dezoito tendo as pesquisas publicadas.
No Cd de 2009 “Raízes do Brasil e as Civilizações da Idade Média” tivemos os seguintes capítulos em Raízes do Brasil: Amazônia, Ceara, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Piauí, Rio Grande do Sul, Sambaquis, Santa Catarina e São Paulo. Para as Civilizações da Idade Média: Alemanha, China Medieval, Cruzadas, França, Feudalismo, Guerra dos Cem Anos, Hungria, Império Bizantino, Índia Medieval, Império Mongol, Inglaterra, Islã, Japão Medieval e Saxões. Introduzimos um capítulo com questões de vestibulares chamado “Simulado” e uma galeria de fotografias de nossas visitas técnicas e de mapas da Europa Medieval. Quase todos com mapas de ontem e hoje e outros só com mapas de hoje; imagens de cultura material. Foram quarenta e nove participantes e trinta e sete tiveram suas pesquisas publicadas.
No Cd de 2010 “Raízes do Brasil II – Modernidade” teve os seguintes capítulos em Raízes do Brasil II: Introdução a ocupação das Américas, Patrimônio Histórico Cultural – SP, Mato Grosso, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Tocantins, Paraná e Rio de Janeiro. Para Modernidade: Revolução Francesa; Incas, Maias e Astecas; Tiahuanaco; Nascas; Olmecas; Grandes Navegações; Revoluções Inglesas; Revolução Americana; Iluminismo; Reforma Protestante; Renascimento. Também temos neste Cd o tema Guerras e Revoluções: Primeira Guerra Mundial. Revolução Russa e Guerra do Vietnã. E no tema História das Ciências tem a História da Física, da Matemática, da Medicina e da Astronomia. Todos os capítulos com exceção dos ligados a História das Ciências possuem mapas – a maioria mostrando as regiões hoje em dia, em particular, no tema “Raízes do Brasil II”. Todos com imagens de artefatos e/ou dos principais protagonistas de cada processo histórico. Também mantivemos o capítulo “Simulado” com questões diferentes da edição de 2009 e a galeria de fotografias e de mapas da Europa, das Américas e da África no período Moderno. Foram cinquenta e três participantes com cinquenta e dois tendo suas pesquisas publicadas.
- (2) Exemplo recente é o livro de Eduardo Bueno: *Brasil – uma história – cinco séculos de um país em construção*. Ed. Leya. 2010.
- (3) Competências e habilidades que os alunos e alunas participantes do GEH podem aprimorar:
Selecionar, organizar, relacionar e interpretar dados e informações, trabalhando-os contextualizadamente para enfrentar situações-problema e tomar decisões.
Ter noções básicas de como se desenvolvem as sociedades e as relações sociais.
Construir e aplicar conceitos das diferentes áreas do conhecimento de modo a investigar e compreender a realidade.
Elaborar e/ou fazer uso de textos (escritos, orais, iconográficos), leitura e análise de objetos (cultura material) - pertinentes a diferentes instrumentos e meios de informação e formas de expressão.
Selecionar e utilizar fontes documentais de natureza diversa (textuais, iconográficas, depoimentos ou relatos orais, objetos materiais), pertinentes à obtenção de informações desejadas e de acordo com objetivos e metodologias da pesquisa.
Situar determinados fenômenos, objetos, pessoas, produções da cultura em seus contextos históricos.
Expressar-se por escrito ou oralmente com clareza, usando a terminologia pertinente.

Referências Bibliográficas:

Abud, Kátia M^a – **Ensino de História** – SP: Cengage Learning, 2010. (Coleção idéias em ação)

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. SP: Cortez, 2004.

Funari, Pedro Paulo Abreu – **Patrimônio histórico e cultural** – 2^a Ed. RJ: Jorge Zahar, 2009.

MARTINS, Maria do Carmo. *E se o outro é o professor: reflexões acerca do currículo e histórias de vida*. In: GALLO, Silvio; SOUZA, Regina Maria de (orgs.) **Educação e preconceito: ensaios sobre poder e resistência**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004, p. 103-118.

MATTOZZI, Ivo. *Currículo de História e Educação para patrimônio*. **Educar em Revista**. UFMG, n^o 47, jun/2008, p. 135-155.

Meneses, Ulpiano Toledo Bezerra de – *A cultura material no estudo as sociedades antigas*. **Revista de História**. São Paulo, n^o 115, p. 103 – 117, jul. – dez. 1983.

Monteiro, Ana M^a – *A pratica de ensino e a produção de saberes*. In: Candau, Vera M^a. **Didática, currículo e saberes escolares**. RJ: Lamparina, 2002.

Novoa, Antonio – **Nada substitui o bom professor**. Palestra realizada no Sindicato dos professores de São Paulo (SINPRO) em jan/2007.

Vasconcellos, C. M.; Alonso, A. C.; Lustosa, P. R. – *A abordagem do período pré-colonial brasileiro nos livros didáticos do ensino fundamental*. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia** – São Paulo, 10: 231-238, 2000.

Vincent, Guy; Lahire, Bernard & Thin, Daniel – *Sobre a história e a teoria da forma escolar* – **Educação em Revista**, jun/2001 (33): 7 – 47.